



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CAMPUS DE PATOS**



KELVY FELLIPE GOMES DE LIMA

**UMA REVISÃO CRÍTICA DOS TRABALHOS DE EDUCAÇÃO
EXPERIENCIAL AO AR LIVRE**

Patos - PB
2017

KELVY FELLIPE GOMES DE LIMA

**UMA REVISÃO CRÍTICA DOS TRABALHOS DE EDUCAÇÃO
EXPERIENCIAL AO AR LIVRE**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos/PB, para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Erich de Freitas Mariano

Patos - PB
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CSRT DA UFCG

L732r Lima, Kelvy Fellipe Gomes de
Uma revisão crítica dos trabalhos de educação experiencial ao ar livre /
Kelvy Fellipe Gomes de Lima. – Patos, 2017.
32f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Erich de Freitas Mariano"

Referências.

1. Educação ambiental. 2. Educação ao ar livre. 3. Educação experiencial.
I. Título.

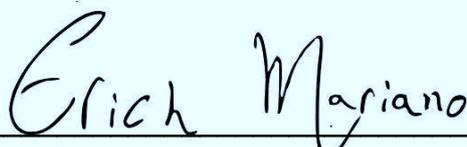
CDU 37: 664

KELVY FELLIPE GOMES DE LIMA

UMA REVISÃO CRÍTICA DOS TRABALHOS DE EDUCAÇÃO EXPERIÊNCIAL
AO AR LIVRE.

Aprovada em: 31 /de Março/ de 2017

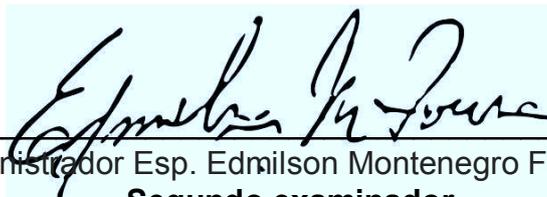
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Erich de Freitas Mariano
Orientador



Bióloga Msc. Maria Clara Bezerra Tenório Cavalcanti
Primeira Examinadora



Administrador Esp. Edmilson Montenegro Fonseca
Segundo examinador

Patos/PB, 2017

Dedico este trabalho à minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às minhas tias Lindinalva Gomes de Lima e Edneide Gomes de Lima, à minha avó, Maria de Lourdes Silva e Lima e à minha mãe Edilene Gomes de Lima, por sempre me incentivarem a continuar estudando e a sempre buscar melhorar.

Ao meu orientador, professor Dr. Erich de Freitas Mariano por todo o conhecimento passado além da dedicação e paciência não apenas durante a confecção desse trabalho, mas também em todo o tempo que fiz parte do Laboratório de Ornitologia.

A todos os professores do curso de licenciatura em ciências biológicas da UFCG – CSTR por todo o conhecimento transmitido que me tornou capacitado a executar essa pesquisa.

Às minhas amigas Michele Llamosas, Tainá Piton, Camyle Nunes, Daniela Medeiros, Iara Lima e Ana Brito e meu amigo Rodrigo “Bigg” Campos, que mesmo à distância sempre me mostraram um apoio e companheirismo ímpares e sempre me incentivaram a continuar.

Também aos meus amigos Cecilia Ruth, Lidiane Silva e Carlos Muriel Pinho por todos os momentos de diversão e companheirismo que compartilhamos durante todos esses anos.

Aos meus colegas de laboratório e a todos aqueles que estiveram direta e indiretamente ligados a esse trabalho.

A Daguiá e Deda por terem me acolhido em sua casa sempre que precisei de algum lugar para ficar.

E especialmente à minha amiga Jessica dos Santos Lucena por todo o carinho, por sempre ter acreditado em mim, por sempre ter me dado todo o apoio quando necessitei, e especialmente pela paciência. Se eu fosse listar aqui tudo que ela fez por mim nesses quatro anos de amizade, precisaria de outra monografia. Obrigado.

*“É uma piada. É tudo uma piada.”
(Comediante - Watchman)*

LISTA DE ABREVIATURAS

EA – EDUCAÇÃO AMBIENTAL

EAL – EDUCAÇÃO AO AR LIVRE

EAS – EDUCAÇÃO ATRAVÉS DE SERVIÇOS

ERIC – EDUCATION RESOURCES INFORMATION CENTER

EE – EDUCAÇÃO EXPERIENCIAL

EPA – EDUCAÇÃO PELA AVENTURA

NOLS - NATIONAL OUTDOOR LEADERSHIP SCHOOLS

OB – OUTWARD BOUND

OBB – OUTWARD BOUND BRASIL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
EDUCAÇÃO AMBIENTAL	3
EDUCAÇÃO AO AR LIVRE	8
EDUCAÇÃO EXPERIENCIAL	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18
ANEXO	32

**UMA REVISÃO CRÍTICA DOS TRABALHOS DE EDUCAÇÃO EXPERIENCIAL AO
AR LIVRE**

Artigo a ser submetido à Revista Hipertextus. Normas no anexo A

UMA REVISÃO CRÍTICA DOS TRABALHOS DE EDUCAÇÃO EXPERIENCIAL AO AR LIVRE

Kelvy Fellipe Gomes de Lima
(UFCG - CSTR)

kelvylima@live.com

Erich de Freitas Mariano
(UFCG – CSTR)

efmariano.ufcg@gmail.com

RESUMO: O presente artigo faz uma revisão bibliográfica dos trabalhos que tratam de educação ambiental focando nas ferramentas de educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura, com uma visão crítica dos mesmos. Os resultados mostram que essas ferramentas educativas são largamente utilizadas em outros países, porém pouco conhecidas no Brasil, carecendo de estudos para adaptá-las à nossa realidade.

PALAVRAS CHAVE: Educação Ambiental; Educação ao Ar Livre; Educação Experiencial.

Abstract: This paper brings a review about studies on environmental education focused on outdoor, experiential and adventure education methods, with a critical view about their uses. Our results point out that these education tools are widely used in other countries in spite of being poorly explored in Brazil which requires new studies to adjust these methods to our reality.

KEYWORDS: Environmental Education; Outdoor Education; Experiential Education

0. INTRODUÇÃO

É visível o aumento da preocupação pública com a crise ambiental que enfrentamos atualmente, porém esse crescente interesse não é acompanhado do adequado conhecimento sobre o tema para que algo possa ser feito de forma correta e efetiva, o que ocasionaria uma mudança de paradigmas. Fornecer esse conhecimento é uma das tarefas da chamada Educação Ambiental (EA).

A EA deve ser entendida como uma ferramenta educativa e não como uma corrente ou um adjetivo diferente para a educação, sendo enxergada como um importante papel político na transformação socioambiental, revelando conhecimentos e produzindo ações em relação ao mesmo (FERNANDES NETO, 2012).

A educação ambiental tem sido trabalhada de várias formas, tanto teórica como prática, durante os anos. Dentro de tais abordagens, encontramos a educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura, cada uma com suas peculiaridades, mas com um objetivo em comum: tirar o educando do ensino formal padrão e inseri-lo no contexto natural e/ou prático, objetivando assim um melhor aprendizado.

Educação ao ar livre pode ser vista como uma ferramenta educativa baseada em três palavras chave: “em, sobre e para” (DONALDSON; DONALDSON, 1958). A primeira etapa concorda com a palavra “em”, na qual nos referimos ao lugar onde a educação ao ar livre acontece, ou seja, *em* ambientes naturais. O “sobre” se refere ao objetivo da educação ao ar livre, que é aprender *sobre* a natureza. A palavra “para” se refere ao propósito da educação ao ar livre, *para* o benefício futuro do planeta (PRIEST, 1986).

Educação experiencial (EE) representa o “desafio e experiência seguido por reflexão, levando à aprendizagem e crescimento.” (ASSOCIATION FOR EXPERIENTIAL EDUCATION, 2016). Também pode ser vista como uma filosofia e metodologia pedagógica, nas quais o foco está em atividades fora do ambiente tradicional da sala de aula, onde o aluno tem a assistência de outra pessoa mais experiente para expandir ao máximo o seu conhecimento (MCELHANEY, 1998). O foco da educação experiencial é que o aluno não apenas trabalhe as temáticas na teoria, porém também possa experimentá-las de forma prática, fazendo assim com que tenha uma melhor aprendizagem.

Educação pela aventura tem relação com o planejamento e o uso de experiências com foco educacional que de alguma forma envolva riscos, usando esse risco como ferramenta educacional, constrói-se caráter moral e uma disposição natural a se arriscar (WURDINGER, 1995; MILES; PRIEST, 1990). A educação pela aventura atua no autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, obtidos através de novas experiências e dos riscos envolvidos nelas, utilizando-se de atividades de

aventura como, por exemplo, canoagem, escalada, trilhas ecológicas, surfe, entre várias outras possíveis de serem trabalhadas.

Embora essas três ferramentas possam ser usadas de forma quase independente entre si, há um ponto de interseção entre elas que as torna ideais para se trabalhar em conjunto os conceitos da educação ambiental.

Muitos estudos sobre educação ambiental foram e continuam sendo publicado no Brasil e no mundo, porém essas informações estão normalmente espalhadas e não conversam entre si, o que faz com que seja difícil montar um quadro de como estão as pesquisas sobre educação ambiental, o que dificulta a aparição de trabalhos com metodologias inovadoras, principalmente no cenário nacional. Tal situação acarreta na necessidade de um trabalho que unifique este conhecimento. Tendo em vista a vasta quantidade de informação, optou-se por fazer um recorte temporal, objetivando trabalhá-la de forma mais satisfatória.

A presente pesquisa objetivou analisar e compreender as informações e ferramentas utilizadas para a educação ambiental nas publicações da área entre o período de janeiro de 2010 e dezembro de 2016, dando um enfoque à educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa, por meio de revisão da literatura. Utilizamos como base de dados o Google Acadêmico, Education Resources Information Center (ERIC) e Periódicos CAPES, nos quais foram localizados artigos, livros, monografias, dissertações e teses, tanto em português quanto em inglês, publicadas entre janeiro de 2010 e dezembro de 2016. Para a pesquisa, foram usadas as palavras chave: *outdoor education*, *experiential education*, *environmental education*, *adventure education*, educação ambiental, educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura.

1. Educação Ambiental

O conceito de educação ambiental não é facilmente alcançado em sua amplitude. Ela pode ser conceituada como uma ferramenta crítica pela qual se pode alterar o comportamento tanto em nível individual, quanto em nível de sociedade (STAPP et al. 1969; DIAS, 2002). A Lei N° 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui

a Política Nacional de Educação Ambiental, no seu Art 1º, dá a seguinte definição para a EA:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

A EA vem sendo bastante discutida nessa última década. A constatação de que o avanço tecnológico tem sido associado à degradação do meio ambiente, instaurando assim aprofundamento das desigualdades e impondo a vulnerabilidade social, faz crescer o interesse mundial pela Educação Ambiental (PEDRINI; COSTA; GHILARDI, 2010; RUA; SOUZA, 2010). Essa vem tentando resgatar a participação da população na solução dos problemas ambientais, uma vez que a solução dos mesmos está na relação do homem com os recursos naturais disponíveis, desde que essa relação se dê de forma sustentável e consciente e promova o desenvolvimento tanto de conhecimentos quanto de atitudes e habilidade que tornem o indivíduo capacitado para à preservação e à melhoria da problemática ambiental (RUA; SOUZA, 2010; SOUZA et al., 2012).

Primeiro devemos entender que existem, basicamente, duas vertentes para a EA: a vertente acrítica ou conservacionista e a vertente crítica ou transformadora (MACHADO, 2010), segundo explicado abaixo:

- Vertente acrítica ou conservacionista: foca-se em correções individuais de postura, considerando que o sistema social no qual aquele indivíduo está inserido é perfeitamente adequado e funcional. Sendo assim, não ocorrem críticas ao sistema.
- Vertente crítica ou transformadora: superam-se as correções individuais de atitude e se focam em criar um pensamento crítico e uma proposta de ação coletiva, buscando assim as transformações sociais necessárias para que haja uma melhor interação entre sociedade e ambiente.

É comum autores abordarem as duas vertentes em seus trabalhos, porém darem preferência a apenas uma para conduzir suas pesquisas. Um exemplo pode ser visto no seguinte parágrafo, onde o autor, ao abordar o uso de unidades de

conservação na educação ambiental, cita claras características de uma vertente crítica da EA, embora em seu texto tenha abordado ambas as vertentes:

O fato de algumas UC se encontrarem em certa medida integradas ou muito próximas à estrutura da cidade possibilita compreender que ambas as esferas fazem parte de um só todo, e de que as próprias pessoas são integradas a esse todo complexo. Realmente, as UC são ótimos espaços educativos. São oportunidades de se promover reflexões e discussões sobre o contexto social, cultural, econômico e político que gera a necessidade de nossa sociedade, organizada da forma que é e produzindo do modo que produz, criar e proteger áreas e recursos naturais dela mesma [...] (MACHADO, 2010, p.10)

Cada vez mais autores estão abandonando a vertente acrítica da EA e adotando uma visão crítica da mesma (e.g., SILVA, 2010; ROSA; MARPICA; LOGAREZZI, 2010; RUA; SOUZA, 2010; ROSA; CARVALHINHO, 2012; HIGUCHI; ZATTONI; BUENO, 2012; KUNREUTHER; FERRAZ, 2012; MARQUES; DIAS, 2013; ANDRADE, 2016; VIEIRA, 2016; ZULETA, 2016; SOUZA, 2016), em contrapartida alguns autores acham que estão trabalhando EA crítica, porém seus discursos ainda carregam fortes características de uma EA conservacionista, Isso parece ser recorrente com vários autores, (e.g., NABETA; SILVA, 2010; CARVALHO; LIMA, 2010; PINHEIRO; EVANGELHO, 2010; BUENO, 2010; KLEIN; TROIAN; SOUZA, 2011; SANTOS; FLORES; ZANIN, 2012; SOUZA et al., 2012), e indica uma raiz numa visão mais básica da EA que ainda é a mais trabalhada.

Outra coisa que indica essa visão mais básica na EA é a quantidade de publicações sobre a percepção ambiental (ver PEDRINI; COSTA; GHILARDI, 2010; STAN 2010; HUNTER; STRIFE; TWINE, 2010; OLIVEIRA et al., 2011; LOPES; BOSA; SILVA, 2011; RODRIGUES et al., 2012; HEERDT; MOTTA, 2016), contudo há uma carência de trabalhos que usam esses dados para ações reais. Um dos grandes desafios das pesquisas em educação ambiental é justamente estabelecer objetivos factíveis em qualquer escala temporal (CONDE; SÁNCHEZ, 2010).

Embora a percepção ambiental seja vista muitas vezes como uma parte fundamental para que qualquer ação de EA seja desenvolvida e aplicada, há um questionamento se esse é um instrumento válido para a compreensão dos sujeitos estudados (PEDRINI; COSTA; GHILARDI, 2010).

É como se a educação ambiental no Brasil desse muitos passos, porém saísse pouco do lugar em comparação a outros países. As publicações de países como Canadá, Estados Unidos da América e vários países europeus (Inglaterra, Escócia, Irlanda, entre outros) indicam que estas comunidades já passaram da fase

inicial na qual foca-se em criar uma consciência ecológica individual e partem agora para os estudos de novas ferramentas para aprimorar esse conhecimento e essa consciência ecológica, que é o caso da educação pela aventura, educação ao ar livre e educação experiencial.

Outra coisa que precisamos entender para melhor compreender a educação ambiental é como a relação entre o homem e o meio ambiente é vista nos trabalhos científicos da área.

Desde o começo da história da humanidade, os hominídeos se diferenciaram dos demais seres vivos, pois podiam se utilizar da sua racionalidade para planejar como iriam moldar esse meio tendo como objetivo sempre satisfazer suas necessidades (PINHEIRO; EVANGELHO, 2010; RUA; SOUZA, 2010) embora nem sempre estivessem cientes do impacto que causariam.

Durante muitos anos houve a falsa sensação de que os recursos naturais eram infinitos e que a natureza poderia suprir o homem de forma inesgotável. Essa visão só passou a ser questionada a partir do século XX, quando se percebeu que na verdade os recursos naturais eram finitos e finalmente entendeu-se que o planeta não se recuperaria rapidamente de todas as agressões que sofria para que a humanidade pudesse ter o seu denominado progresso (FERRARI; ZANCUL, 2010).

A ideia de que o homem é o centro do universo e por isso tem o direito de conquistar, dominar e manipular a natureza é muito difundida ainda nos dias de hoje, fazendo com que o homem se destaque da natureza e passe a vê-la como algo externo ao seu ser, isso é normalmente usado para legitimar suas atitudes para com ela (PINHEIRO; EVANGELHO, 2010).

Essa separação entre ser humano e natureza é uma vertente que permeia o sistema capitalista e a ele agrada, pois, além de legitimar suas ações, como já foi dito, alimenta o pensamento individualista entre as próprias sociedades humanas. Uma consciência individual vai sendo desenvolvida e o ser humano passa a não fazer mais parte do todo, deixando assim de perceber as relações de equilíbrios existentes na natureza, levando-o a causar grandes impactos sem sequer perceber a dimensão dos mesmos (RUA; SOUZA, 2010).

Essa falsa separação da humanidade e a natureza faz surgir uma ideia equivocada de que precisamos nos reaproximar da natureza, que é replicada por diversos trabalhos (e.g., BIEBERBACH, 2013; OLIVEIRA; SOARES, 2013; GRAÇA, 2013; VIEIRA, 2016.). Porém, não é possível se reaproximar ou retornar a algo do

qual nunca nos afastamos ou nos destacamos além da nossa percepção e arrogância. Esse pensamento de reaproximação da natureza geralmente está ligada a uma EA acrítica, na qual se acha que visitas a ambientes naturais por si só podem criar uma consciência ecológica, além de se achar que apenas isso é o suficiente. (MACHADO, 2010). Essa ideia também é muito usada como forma de propaganda com o objetivo de impulsionar o chamado ecoturismo.

Essa busca pela reaproximação com a natureza pode ser vista na busca crescente por atividades de lazer na natureza, porém essas atividades muitas vezes trazem preocupação pelos métodos usados por seus adeptos. Esses ingressam nos ambientes de forma predatória buscando apenas satisfazer seus desejos, motivados pelo mito do “paraíso perdido”, valorizando os ambientes naturais apenas buscando satisfazer um sentimento de harmonia e felicidade do homem para com a natureza, numa visão claramente antropocêntrica, o que muitas vezes levam a causar impactos ambientais profundos, tais quais... (NABETA; SILVA, 2010; BUENO, 2010).

O ideal seria a quebra da ideia de reaproximação com a natureza e a substituição da mesma por um pensamento de integração. Precisamos nos enxergar como parte da natureza e assim entender que nossas ações têm impactos em outros seres vivos e na própria Terra. A partir daí, finalmente, devemos adotar medidas para diminuir tais impactos. Esse objetivo só pode ser alcançado se superarmos a visão acrítica da EA, porém sem abandonar necessariamente o trabalho com o indivíduo. Devemos focar essa etapa do trabalho em mostrar que a mudança pessoal não é o suficiente e que precisamos ir além e procurar uma mudança em um nível maior. Devemos fazer com que o indivíduo desenvolva um pensamento crítico quanto à questão ambiental e não apenas reproduza ideias e conhecimentos adquiridos por meio de uma EA conservacionista que, embora muitas vezes seja trabalhada por pessoas com boas intenções, já se mostrou ineficaz para lidar com todos os problemas ecológicos que enfrentamos há algumas décadas.

2. Educação ao Ar livre

A educação ao ar livre (EAL), ou, em inglês, *outdoor education*, é uma das formas de se trabalhar a educação ambiental. Há certa dificuldade na literatura em

se definir exatamente o que é a EAL (BIEBERBACH, 2013), porém ela pode ser vista como um método de aprendizado que se utiliza de todos os sentidos de uma pessoa e ocorre principalmente com a exposição do educando ao ambiente natural, sendo algumas vezes vista como parte da educação experiencial (KILIMNIK; REIS, 2010; FIELD; LAUZON; MELDRUM, 2015; PALAVAN; CICEK; ATABAY, 2016). Isso se dá, pois não são raros os profissionais de EAL que se utilizam de educação experiencial para realizar suas tarefas, tendo como preceito a ideia de que essa metodologia torna o aprendizado mais autêntico e os resultados mais pessoais para o aluno (THOMAS, 2010). A educação ao ar livre é debatida e praticada já há muito tempo fora do Brasil, onde muitos trabalhos foram publicados desde as primeiras décadas do século XX (RODRIGUES; MARIANO, 2016), porém no Brasil essa ferramenta ainda é pouco utilizada.

A participação em programas de EAL tem sido associada com resultados como crescimento pessoal, melhoramento de habilidades interpessoais e desenvolvimento em grupo (PASSARELLI; HALL; ANDERSON, 2010). Esse tópico é abordado em diversas publicações e trata de diferentes perspectivas, por exemplo: trabalho em grupo, empoderamento, coragem, disciplina, resiliência, percepção, criatividade, liderança, valores morais, autoconsciência e a autoconfiança, além da motivação e persistência em superar dificuldades, entre outros (e.g., MARTIN; FLEMING, 2010; ZINK, 2010; STAN, 2010; WHITTINGTON; MACK, 2010; BANDEIRA; RUBIO, 2011; BOWDRIDGE; BLENKINSOP, 2011; TOMAZINI, 2011; ERICKSON; ERNST, 2011; KUNREUTHER; FERRAZ, 2012; SOUZA et al., 2012; ATCHLEY; STRAYER; ATCHLEY, 2012; KASS; GRANDZOL, 2012; FLEMING; HICKEY, 2013; ZHANG, 2013; WARREN et al., 2014; FERREIRA, 2015; BLENKINSOP; TELFORD; MORSE, 2016; OUTWARD BOUND BRASIL, 2016).

Os programas de EAL já são inseridos em currículos escolares em vários países que já possuem uma história com a educação ao ar livre, por exemplo: Canadá, Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, Noruega, Suécia, Finlândia, Austrália e Nova Zelândia (BIEBERBACH, 2013). Trabalhos têm mostrado com certo detalhamento a inserção e os resultados de programas de EAL nos currículos nacionais desses e de outros países como Islândia, Singapura, Tasmânia e Israel (e.g., THORBURN; ALLISON, 2010; JOHNSTON, 2011; GRAY; MARTIN, 2012; KARPPINEN, 2012; PEDRETTI et al., 2012; TAL; MORAG, 2013; DYMENT et al., 2013; THORBURN; ALLISON, 2013; NORÐDAHL; JÓHANNESSON, 2013;

ATENCIO et al., 2014; CHRISTIE et al., 2014). No Brasil ainda estamos caminhando lentamente nesse aspecto, sendo que a quantidade de programas de EAL inseridos nos currículos escolares é praticamente nula, e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sequer existe qualquer menção a essa ferramenta educacional.

Fora da educação escolar, na educação não-formal, temos entidades no Brasil que atuam com a EAL, é o exemplo da *Outward Bound Brasil* e dos Escoteiros do Brasil. Ambas possuem programas que podem durar semanas e até mesmo meses. Os poucos programas existentes na educação formal raramente duram mais de dois dias, ao passo que os mesmos tipos de programas em outros países possuem longa duração, sendo mais proveitosos e eficazes (BIEBERBACH, 2013; MARIANO, 2016).

Os motivos para essa não popularização da educação ao ar livre talvez não possam ser entendidos completamente, porém a falta de divulgação e de uma cultura engajada para com o cuidado com o ambiente natural sejam fatores cruciais. Diferente de grande parte dos países anteriormente citados, que possuem culturalmente uma educação voltada para o ar livre, nos quais passeios *outdoor* acontecem semanalmente desde a creche. Além disso, há uma cultura de cuidado e preservação das riquezas naturais desses países, com políticas públicas que agem na proteção de parques e áreas de preservação, com grande investimento público e privado além de grande apelo popular para essa questão (BIEBERBACH, 2013).

Outra possível causa para a baixa popularidade da EAL no Brasil pode ser atribuída à dificuldade de qualificação de pessoas para se trabalhar nessa área. Há diversos trabalhos que abordam exatamente o profissional relacionado à execução das atividades ao ar livre, que muitas vezes é chamado de facilitador ou mesmo líder (THOMAS, 2010). Um facilitador, em EAL, é uma pessoa neutra que gerencia o grupo e o ajuda a alcançar objetivos e propósitos. Ele também é chamado de líder poria raramente um profissional de EAL terá a oportunidade de trabalhar como apenas uma tarefa, tendo assim que lidar com a liderança, instrução e segurança dos educandos (THOMAS, 2010). Porém, quase sempre esse papel de profissional de EAL recai sobre os ombros dos próprios professores que se veem acometidos por altos níveis de estresse ao planejar e executar tais atividades (TAL; MORAG, 2013), tendo em vista que muitas vezes não possuem o treinamento apropriado para lidar com esse acúmulo de responsabilidades. Isso acaba por desencorajá-los a adotar a EAL como ferramenta de ensino para as suas aulas. A preocupação com

isso gerou trabalhos focados em examinar novas ferramentas e papéis para os profissionais de EAL (e.g., BROWN, 2010; THOMAS, 2010; SMITH; PENNEY, 2010; STAN 2010; TUCKER; RHEINGOLD, 2010; REDMOND; FORAN; DWYER, 2010; HILL, 2010; BERKERS, 2010; WATTCHOW; BROWN, 2011; SIBTHORP et al., 2011;VEEVERS; ALLISON, 2011; KASS; GRANDZOL, 2011; SHOOTER; PAISLEY; SIBTHORP, 2012; VAL; KEMP, 2012; KASS; GRANDZOL, 2012;ALLIN; WEST, 2013;WARREN et al., 2014; SCHUMANN; SIBTHORP, 2014; FIELD; LAUZON; MELDRUM, 2015; RITCHIE et al., 2015; SUIZU; HAYASHI, 2015).

Por fim, a EAL tem grandes vantagens no ensino. Ela pode facilmente ser usada de forma inter e multidisciplinar, ou seja, pode ser usada para se trabalhar várias disciplinas interligadas ou pode ser uma ferramenta usada por várias disciplinas sem necessariamente elas interagirem. Isso é visto com bons resultados em diversos trabalhos da área, utilizando-a em disciplinas como biologia, ciências, física, educação física, química, matemática, entre outras. Isso é de extrema importância, pois a EAL deixa o aluno em vantagem para aprender conceitos, principalmente ecológicos, e serve como ponte entre o conhecimento adquirido em sala de aula e o ambiente (EICK, 2011).

O estado da educação ao ar livre no Brasil, como anteriormente citado, ainda está num estágio muito inicial. O que diversos países enfrentavam no começo do século passado, nós estamos enfrentando praticamente um século depois. Porém há a necessidade de se ver a versatilidade e a eficácia dessa ferramenta, não apenas se baseando em resultados de trabalhos estrangeiros, mas promovendo nossas próprias pesquisas. Temos que ter em vista que as realidades dos sistemas educacionais muitas vezes são tão distintas entre outros países e o Brasil que a simples comparação apenas irá nos dar ideias errôneas sobre essas questões. Porém, como também já foi dito, não é um trabalho fácil de ser feito. Além da pesquisa, precisa-se colocar na prática essa ferramenta de ensino, incluindo-a aos currículos escolares e para isso mostra-se a necessidade de uma capacitação para os professores, independente de suas disciplinas, visando com que façam o melhor uso possível da EAL.

3. Educação Experiencial

A Educação Experiencial (EE) é mais uma das formas de se trabalhar a educação ambiental. Ela se baseia na experiência seguida de reflexão, para que assim o conhecimento seja melhor fixado. O preceito “O que ouço, esqueço; o que vejo, lembro; o que vivo, aprendo” é um dos que melhor descrevem a educação experiencial e seus objetivos. O modelo mais usado para a educação experiencial consiste em: experiência, reflexão, generalização e aplicação (TOMAZINI, 2011).

Apenas a experiência não é o suficiente para gerar o aprendizado na EE, por isso a importância da reflexão, pois o ser humano como ser emotivo tem suas incertezas e problemas como ponto inicial para suas reflexões e aprendizados. Portanto a pura racionalização, ignorando todo o espectro de interesses e construções mentais de cada pessoa, não tem sentido. É na combinação do empirismo com a racionalização que o aprendizado é gerado e o conhecimento é obtido (KUNREUTHER, 2011).

Esse modelo educacional é visto geralmente como um ciclo. O modelo de ciclo mais comum na EE é conhecido como “ciclo de Luckner e Nadler” (DONATO, 2015), e se baseia em quatro etapas: experiência, reflexão, generalização e aplicação (figura 1).

Figura 1 – Ciclo de Luckner e Nadler.



Fonte: elaborado pelo autor.

1. Experiência: Atividades, únicas ou em conjunto, que são planejadas objetivando determinado aprendizado. Caso haja a interrupção do ciclo nessa fase, o educador não terá atuado como facilitador do conhecimento, não podendo assim garantir que houve aprendizado.

2. Reflexão: Após ter tido a experiência, é necessário refletir sobre ela. Essa fase visa a análise da atividade, buscando entendimento, chegando até a criar hipóteses e conclusões, integrando-as a conhecimentos anteriores. A função do educador nessa fase é exatamente dispor ao aluno esse momento de reflexão, individual ou em grupo, e caso o conceito ou habilidade esteja muito além da capacidade de aprendizado do discente, o educador deve se dispor a agir como um auxiliar no momento dessa reflexão.

3. Generalização: Nessa fase há a busca pela transferência da compreensão obtida numa situação para outras situações equivalentes, buscando como aplicá-la em situações cotidianas. O papel do educador nesta fase é auxiliar o aluno a entender os padrões que busca.

4. Aplicação: A fase na qual se abre a oportunidade para que os novos conceitos e conhecimentos adquiridos sejam testados em uma situação real. O aluno precisa testar o quão válidas são suas conclusões e solidificar assim seu conhecimento. Ao educador cabe o papel de prover um novo desafio adequado à progressão do aluno (KUNREUTHER, 2011; DONATO, 2015).

Por ser um ciclo, essas fases são contínuas, sendo que a última fase é ao mesmo tempo a primeira de um novo ciclo (KUNREUTHER, 2011).

A EE encoraja os alunos a aplicar os conceitos aprendidos em sala de aula em problemas reais, aumentando assim suas habilidades, como por exemplo: gerenciamento de equipe, tomada de decisões, pensamento crítico, relacionamentos humanos e comunicação (CURTIS; MAHON, 2010; KNOTTS, 2011). Isso é importante, pois muitos alunos não conseguem fazer ligações entre as coisas aprendidas em sala de aula e seu uso no mundo real, não vendo sentido em todos aqueles conceitos e não enxergando como sequer usarão aquilo no futuro (CURTIS; MAHON, 2010).

Porém, o uso da EE ainda sofre certo preconceito, pois muitos professores enxergam a Educação Experiencial apenas em coisas como simples viagens de campo ou viagens instrucionais a indústrias, por exemplo, encarando isso como atividades que exigem menos práticas pedagógicas, no que toca tanto planejamento quanto execução (MONCURE; FRANCIS, 2011).

Assim como a EAL, a EE é utilizada em vários países na Europa, América do Norte e Oceania, sendo notadamente proeminente nos mesmos países citados para a EAL. Isso pode se dar, pois a Educação ao Ar Livre e Educação Experiencial são

muitas vezes trabalhadas de forma conjunta. No Brasil a Educação Experiencial, assim como a EAL, ainda fica a cargo de instituições como a Outward Bound Brasil e os Escoteiros do Brasil, sendo que a quantidade de trabalhos acadêmicos nesta área no país parece escassa (e.g., NABETA; SILVA, 2010; MOREIRA; MUNCK, 2010; BENEDETTI FILHO et al., 2011; TOMAZINI, 2011; KUNREUTHER; FERRAZ, 2012; HIGUCHI; ZATTONI; BUENO, 2012; DONATO, 2015; SOARES, 2015; MARIANO, 2016; RODRIGUES; MARIANO, 2016) quando comparamos com as publicações estrangeiras (e.g., PAYNE, 2010; CURTIS; MAHON, 2010; BEAMES, 2010; MONCURE; FRANCIS, 2011; GEORGOPOULOS; BIRBILI; DIMITRIOU, 2011; KNOTTS, 2011; SIBTHORP et al., 2011; VEEVERS; ALLISON, 2011; ROBERTS, 2011; SMITH; KNAPP, 2011; MACNAB, 2011; COLLINS et al., 2011; GORALNIK, 2012; PRUSLOW; OWL, 2012; BLENKINSOP; BEEMAN, 2012; GUTHRIE; JONES, 2012; ROSE; PAISLEY, 2012; LANE, 2012; INTOLUBBE-CHMIL; SPREEN; SWAP, 2012; COX; LINDBLAD, 2012; SEAMAN; RHEINGOLD, 2013; MACLEAN; WHITE, 2013; WARREN et al., 2014; SHELLMAN, 2014; MACKENZIE; SON; HOLLENHORST, 2014; KRESS, 2014; SCHENCK; CRUICKSHANK, 2015; FENTON; GALLANT, 2016; BLENKINSOP et al., 2016). Isso pode acontecer pelo mesmo motivo pelo qual a prática da EAL não é comum no Brasil: falta de divulgação, de investimento e de treinamento para capacitar profissionais para que atuem nessa área, deixando essa responsabilidade, novamente, para um professor sem o treinamento apropriado para cumprir essa tarefa e que pode se sentir desencorajado a experimentar uma nova ferramenta pedagógica.

Há diversas formas de se abordar a EE, entre elas:

- “*Practica*”: Esse termo se refere a uma atividade prática não remunerada que acontece durante o processo educacional e possui a supervisão de um profissional (LIM; BLOOMQUIST, 2015).
- Estágios: É largamente utilizado para estudantes universitários. É uma forma de EE que dá ao estudante a chance ganhar experiência em um ambiente profissional, permitindo assim com que ele desenvolva novas habilidades profissionais nos campos em que está considerando para a sua carreira (MOORE, 2010; LIM; BLOOMQUIST, 2015).
- Educação cooperativa: Integra estudos em sala de aula com aprendizado através de uma experiência de trabalho em um campo relacionado a objetivos acadêmicos ou de carreira de um estudante. O

foco está colaboração entre os alunos, além da cooperação desses com a instituição de ensino e o lugar de trabalho (MARTIN; FLEMING, 2010; MOORE, 2010).

Além dessas, temos também a educação através de serviços ou “*service learning*” e a educação pela aventura ou “*adventure education*”. Essas duas são as mais abordadas nos trabalhos acadêmicos.

A educação através de serviços (EAS) é uma metodologia que se tornou popular nos anos 90, principalmente no ensino superior dos EUA (LIM; BLOOMQUIST, 2015). Ela pode ser vista como serviços comunitários feitos fora da sala de aula, porém em conjunto com o estudo de teorias e conceitos (MOORE, 2010; CURTIS; MAHON, 2010; LIM; BLOOMQUIST, 2015). A proposta principal da educação através de serviços é trazer duas frentes: aprimoramento do aprendizado do estudante e atender as necessidades da sociedade, podendo assim causar uma mudança social (MOORE, 2010).

A EAS vem sendo bem abordada nos trabalhos da área (e.g., MOORE, 2010; CURTIS; MAHON, 2010; CARDUCCI, 2014; CRONLEY et al., 2014; LIM; BLOOMQUIST, 2015; BLANKSON; ROCHESTER; WATKINS, 2015; HOLZ; PINNOW, 2015; SHERMAN, 2015; MADDUX; DONNETT, 2015; HELMS et al., 2015; RUTTI et al., 2016; BLITHE, 2016; BRAIL, 2016; BURTH, 2016), tanto em se tratando de educação voltada para o ensino superior quanto também para cursos empresariais.

Uma segunda vertente muito trabalhada da EE é a Educação pela Aventura (EPA) ou “*Adventure Education*”, no inglês. Não diferente de outras formas educacionais tratadas nessa pesquisa, a EPA sofre de uma dificuldade para que seja definida, porém geralmente as definições giram em torno da presença de perigo, seja ele real ou aparente, onde os resultados são incertos, mas influenciados pelas ações dos participantes, além de manter o foco nas experiências vivenciadas pelos educandos nesses contextos (KUNREUTHER, 2011; TOMAZINI, 2011). Tendo isso em mente, podemos ver a EPA como a educação experiencial voltada para atividades que envolvem risco ao participante, seja esse risco controlado ou não e essa atividade pode ser realizada em um ambiente natural ou artificial.

Atualmente essa vertente da EE é amplamente utilizada no Canadá, Estados Unidos da América, Austrália e Inglaterra, onde diversas escolas e universidades têm como parte de seu currículo programas de EPA, ou até mesmo departamentos

exclusivos para tratar do assunto, além de uma extensa bibliografia na área que remete ao começo do século XX (KUNREUTHER, 2011; TOMAZINI, 2011). Escolas de EPA como a *Outward Bound* (OB) e a *National Outdoor Leadership Schools* (NOLS) destacam-se na área nesses países. Ambas utilizam em seus cursos diversos esportes ao ar livre, como canoagem, montanhismo, esqui, entre vários outros, sempre adaptando as técnicas utilizadas às condições locais, como relevo e clima (TOMAZINI, 2011). No Brasil as pesquisas sobre essa ferramenta têm crescido, em grande parte movidas mais pelo ecoturismo do que pela educação e mesmo assim sem trazer grandes novidades ao assunto (e.g., NABETA; SILVA, 2010; TEIXEIRA; MARINHO, 2010; KUNREUTHER, 2011; TOMAZINI, 2011; BANDEIRA; RUBIO, 2011; CAPAVERDE; MEDEIROS; ALVES, 2012; KUNREUTHER; FERRAZ, 2012; ROSA; CARVALHINHO, 2012; VARGAS, 2012; BERTUZZI; LIMA-SILVA, 2013; CHAO et al., 2013; PORTO; CARDOSO; SILVA, 2014; SOARES, 2015; NASCIMENTO, 2015; MARIANO, 2016; RODRIGUES; MARIANO, 2016; PEREIRA et al., 2016). Porém, as publicações estrangeiras são um pouco mais abrangentes sobre os temas, tratando desde aspectos de formação profissional na área até o estudo sobre os riscos envolvidos nas atividades de aventura, passando inclusive sobre novas abordagens dentro da própria metodologia (e.g., BEAMES, 2010; BROWN, 2010; GAUDIO et al., 2010; PASSARELLI; HALL; ANDERSON, 2010; SAMMET, 2010; SHELLMAN; EWERT, 2010; TUCKER; RHEINGOLD, 2010; WHITTINGTON; MACK, 2010; SIBTHORP et al., 2011; BEIGHTOL et al., 2012; ATCHLEY; STRAYER; ATCHLEY, 2012; LEE; EWERT, 2013; DANIEL et al., 2014; SIBTHORP; JOSTAD, 2014; DAVIDSON; EWERT; CHANG, 2016).

Por fim a EE e suas várias facetas podem e já são usadas para a educação ambiental. Inclusive, o poder dessa junção já é reconhecido em estudos (GEORGOPOULOS; BIRBILI; DIMITRIOU, 2011). Por exemplo, uma viagem de campo, com a devida orientação e planejamento, pode ir além de uma simples visita a um ambiente natural e se transformar no ponto de partida para uma reflexão sobre o estado daquele ambiente, podendo ser extrapolado para níveis maiores, criando assim um pensamento crítico. O aprendizado pelo serviço pode ser usado para realizar atividades relacionadas à educação ambiental, como reciclar o lixo da comunidade, plantar árvores e até mesmo em campanhas de conscientização da comunidade. Porém, sempre tomando o devido cuidado para não estar realizando

apenas mais EA conservacionista e focada no indivíduo. O educando deve ser sempre encorajado a pensar de forma abrangente sobre as ações que está realizando, assim o professor ou o instrutor responsável estará fortalecendo a vertente transformadora da EA no seu discente. Por último a EPA em ambientes naturais pode ser a chave para que finalmente o aluno consiga enxergar-se como parte da natureza, pois não apenas estará inserido nela, como também estará a vivenciando, enfrentando os desafios nela intrínsecos e observando o impacto que a sua presença e a de outros seres vivos causam na mesma. Porém deve-se tomar cuidado para que isso não se transforme em uma simples disputa “homem vs natureza”, o indivíduo não pode ver a natureza apenas como um obstáculo a ser vencido para o seu divertimento, mas sim como um lugar onde tanto ele como outros seres vivos habitam e que por si só possui suas adversidades tanto para ele quanto para qualquer ser vivo.

4. Considerações finais

Conclui-se com essa pesquisa que a educação ambiental e, conseqüentemente, ferramentas e metodologias que possam ser utilizadas para ela ainda está em um momento de descoberta e transformação no meio científico brasileiro. A análise dos trabalhos desses seis anos mostrou que novas vertentes e pensamentos sobre a temática estão surgindo na pesquisa nacional, porém ainda há a necessidade de sair do “mais do mesmo” que muitos trabalhos continuam fazendo, sem trazer ideias novas ou novos resultados e sem agregar conhecimentos à área. Há a necessidade urgente de trabalhos que utilizem essas ferramentas inovadoras para aplicar e transformar a educação ambiental.

Ações realizadas em outros países podem e devem ser trazidas e incorporadas ao nosso sistema de ensino, mas devemos adaptá-las à realidade do nosso sistema de ensino, cada vez mais menos preocupado com a criação de indivíduos pensantes. Esse tipo de trabalho se vê necessário, pois, como já foi dito anteriormente, o sistema de ensino dos países onde essas ferramentas são largamente utilizadas diferem do nosso tanto em estrutura quanto, muitas vezes, até mesmo na própria filosofia. Sendo assim, apenas importar os conhecimentos estrangeiros para nossa realidade pode se mostrar frustrante e ineficaz. Futuros trabalhos devem tratar de pesquisar, de forma objetiva e até mesmo quantitativa, o

impacto das ferramentas de educação ao ar livre, educação experiencial e educação pela aventura na absorção de conhecimentos e na criação de um pensamento crítico para com a questão ambiental dos estudantes brasileiros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIN, Linda; WEST, Amanda. Feminist Theory and Outdoor Leadership. In: BEAMES, Simon; PIKE, Elizabeth. **Outdoor Adventure and Social Theory**. London: Routledge, 2013. Cap. 11. p. 113-124.

ANDRADE, Laura Magalhães de. Educação ambiental crítica: breves considerações conceituais, metodológicas e institucionais. **Simioses: Revista Científica**, [s. L.], v. 10, n. 02, p.13-28, jan. 2016. Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/Semioses/article/view/1981996X.2016v10n2p13>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

ASSOCIATION FOR EXPERIENTIAL EDUCATION. **What is Experiential Education?** Disponível em: <<http://www.aee.org/what-is-ee>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

ATCHLEY, Ruth Ann; STRAYER, David L.; ATCHLEY, Paul. Creativity in the Wild: Improving Creative Reasoning through Immersion in Natural Settings. **Plos One**, [s.l.], v. 7, n. 12, p.1-3, 12 dez. 2012. [Http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0051474](http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0051474).

ATENCIO, Matthew et al. The place and approach of outdoor learning within a holistic curricular agenda: development of Singaporean outdoor education practice. **Journal Of Adventure Education And Outdoor Learning**, [s.l.], v. 15, n. 3, p.181-192, 26 set. 2014.

BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Kátia. Corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 25, n. 1, p.97-110, mar. 2011. [Http://dx.doi.org/10.1590/s1807-55092011000100010](http://dx.doi.org/10.1590/s1807-55092011000100010).

BEIGHTOL, Jesse et al. Adventure Education and Resilience Enhancement. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 35, n. 2, p.307-325, 1 mar. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee35.2.307>.

BENEDETTI FILHO, Edeimar et al. Na trilha da ciência: uma atividade lúdica ao ar livre envolvendo o ensino de química. **Experiências em Ensino de Ciências**, [s.l.], v. 6, n. 3, p.07-15, 2011.

BERKERS, Anthony. Teaching Adventure Education Theory: Best Practices. **Journal Of Experiential Education**, [s. L.], v. 3, n. 32, p.332-334, 2010.

BERTUZZI, Rômulo; LIMA-SILVA, Adriano Eduardo. Principais características dos estilos de escalada em rocha e indoor. **Acta Brasileira do Movimento Humano**, [s.l.], v. 03, n. 03, p.31-46, jun./out. 2013. Quadrimestral.

BIEBERBACH, Gregory Tauan Ramos. **EDUCAÇÃO OUTDOOR: UMA “FERRAMENTA” NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA**. 2013. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Desconhecido, Universidade Federal do Paraná., Curitiba, 2013. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/34896/MONOGRAFIA_GREGORY_TAUAN_RAMOS_BIEBERBACH.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 dez. 2016.

BLANKSON, A. Nayena; ROCHESTER, Shana E.; WATKINS, Angela Farris. Service-Learning and Civic Responsibility in a Sample of African American College Students. **Journal Of College Student Development**, [s.l.], v. 56, n. 7, p.723-734, 2015. Johns Hopkins University Press. <http://dx.doi.org/10.1353/csd.2015.0078>.

BLINKINSOP, S. et al. The Lecture as Experiential Education: The Cucumber in 17th-Century Flemish Art. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 39, n. 2, p.101-114, 18 abr. 2016. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1053825916641434>.

BLINKINSOP, Sean; BEEMAN, Chris. Experiencing Philosophy: Engaging Students in Advanced Theory. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 35, n. 1, p.207-221, 1 mar. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee35.1.207>.

BLINKINSOP, Sean; TELFORD, John; MORSE, Marcus. A surprising discovery: five pedagogical skills outdoor and experiential educators might offer more mainstream educators in this time of change. **Journal Of Adventure Education And Outdoor Learning**, [s.l.], v. 16, n. 4, p.346-358, abr. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/14729679.2016.1163272>.

BLITHE, Sarah Jane. Teaching intercultural communication through service-learning. **Communication Teacher**, [s.l.], v. 30, n. 3, p.165-171, 23 jun. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/17404622.2016.1192666>.

BOWDRIDGE, Michael; BLINKINSOP, Sean. Michel Foucault Goes Outside: Discipline and Control in the Practice of Outdoor Education. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 34, n. 2, p.149-163, 1 jan. 2011. [Http://dx.doi.org/10.5193/jee34.2.149](http://dx.doi.org/10.5193/jee34.2.149).

BRAIL, Shauna. Quantifying the Value of Service-Learning: A Comparison of Grade Achievement Between Service-Learning and Non-Service-Learning Students. **International Journal Of Teaching And Learning In Higher Education**, [s.l.], v. 28, n. 02, p.148-157, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Código Civil: Lei de Educação Ambiental**. Brasília, 27 abr. 1999.

BROWN, Mike. Transfer: Outdoor Adventure Education's Achilles Heel? Changing Participation as a Viable Option. **Australian Journal Of Outdoor Education**, [s. L.], v. 14, n. 1, p.13-22, 2010.

BUENO, Fernando Protti. Vivências com a natureza: atureza: uma proposta de Educação Ambiental para o uso público em Unidades de Conservaçãoatureza: uma proposta de Educação Ambiental para o uso público em Unidades de Conservação.**Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, n. 1, p.61-78, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.sbectur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/77>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

BURTH, Hans-peter. The contribution of Service-Learning programs to the promotion of civic engagement and political participation: A critical evaluation. **Citizenship, Social And Economics Education**, [s.l.], v. 15, n. 1, p.58-66, abr. 2016. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/2047173416658504>.

CAPAVERDE, Mariane Rech; MEDEIROS, Tiago Nunes; ALVES, Sérgio Luiz Chaves. Esporte de aventura nas aulas de educação física: uma alternativa ao alcance dos profissionais?. **Revista Vento e Movimento**, Osório, v. 01, n. 01, p.51-62, abr. 2012.

CARDUCCI, Olivia M.. Engaging Students in Mathematical Modeling through Service-Learning. **Primus**, [s.l.], v. 24, n. 4, p.354-360, 28 mar. 2014. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10511970.2014.880862>.

CARVALHO, Sara; LIMA, Nelson. Compostagem doméstica em educação ambiental: potencial de uma abordagem holística. **Captar: Ciência e ambiente para todos**, Aveiro, v. 2, n. 2, p.40-54, jan. 2010. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/captar/article/view/2736>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

CHAO, Cheng Hsin Nery et al. Atividades de aventura na natureza e Desenvolvimento do comportamento Pró-ambiental: análise comparativa entre Idosos e condutores. **Movimento: Revista da escola de educação física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p.169-180, jan./mar. 2013. Trimestral.

CHRISTIE, Beth et al. Outdoor Education Provision in Scottish Schools. **Scottish Educational Review**, [s.l.], v. 1, n. 46, p.48-64, 2014.

COLLINS, Rachel et al. Black-and-White Thinkers and Colorful Problems: Intellectual Differentiation in Experiential Education. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 33, n. 4, p.416-420, 1 jan. 2011. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee33.4.416>.

CONDE, María del Carmen; SÁNCHEZ, J. Samuel. The school curriculum and environmental education: A school environmental audit experience. **International Journal Of Environmental And Science Education**, [s. L.], v. 5, n. 4, p.477-494, out. 2010. Disponível em: <<http://www.ijese.net/makale/1423>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

COX, Cheryl E.; LINDBLAD, Adrienne J.. A Collaborative Approach to Improving and Expanding an Experiential Education Program. **American Journal Of Pharmaceutical Education**, [s.l.], v. 76, n. 3, p.53-58, abr. 2012. American Journal of Pharmaceutical Education. <http://dx.doi.org/10.5688/ajpe76353>.

CRONLEY, Courtney et al. Factors Influencing Service-Learning Utilization in Social Work: Results from an Online Survey of Faculty. **Journal Of Teaching In Social Work**, [s.l.], v. 34, n. 2, p.147-166, 15 mar. 2014. Informa UK Limited.<http://dx.doi.org/10.1080/08841233.2014.890692>.

CURTIS, Kynda; MAHON, Jennifer. Using Extension Fieldwork to Incorporate Experiential Learning into University Coursework. **Journal Of Extension**, Reno, v. 48, n. 2, p.1-08, abr. 2010.

DANIEL, Brad et al. Autonomous Student Experiences in Outdoor and Adventure Education. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 37, n. 1, p.4-17, mar. 2014. [Http://dx.doi.org/10.1177/1053825913518892](http://dx.doi.org/10.1177/1053825913518892).

DAVIDSON, C.; EWERT, A.; CHANG, Y.. Multiple Methods for Identifying Outcomes of a High Challenge Adventure Activity. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 39, n. 2, p.164-178, 10 mar. 2016. SAGE Publications.<http://dx.doi.org/10.1177/1053825916634116>.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental –: princípios e práticas**. 9. ed. [s. L]: Gaia, 2004. 551 p.

DONALDSON, George W.; DONALDSON, Louise E.. Outdoor Education a Definition. **Journal Of Health, Physical Education, Recreation**, [s.l.], v. 29, n. 5, p.17-63, 1958.

DONATO, Cassius Macssuara Martins. **Aprendizagem experiencial de gerentes de vendas**. 2015. 89 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

DYMENT, Janet et al. Curriculum development in outdoor education: Tasmanian teachers' perspectives on the new pre-tertiary Outdoor Leadership course. **Journal Of Adventure Education And Outdoor Learning**, [s.l.], v. 14, n. 1, p.82-99, 11 abr. 2013. [Http://dx.doi.org/10.1080/14729679.2013.776863](http://dx.doi.org/10.1080/14729679.2013.776863).

EICK, Charles J.. Use of the Outdoor Classroom and Nature-Study to Support Science and Literacy Learning: A Narrative Case Study of a Third-Grade Classroom. **Journal Of Science Teacher Education**, [s.l.], v. 23, n. 7, p.789-803, 3 maio 2011. [Http://dx.doi.org/10.1007/s10972-011-9236-1](http://dx.doi.org/10.1007/s10972-011-9236-1).

ERICKSON, Deanna M.; ERNST, Julie Athman. The real benefits of nature play every day. **Nacc Newsletter**, [s. L.], p.97-99, jul./ago. 2011.

FENTON, Lara; GALLANT, Karen. Integrated Experiential Education: Definitions and a Conceptual Model. **Canadian Journal For The Scholarship Of Teaching And**

Learning, [s.l.], v. 7, n. 2, p.1-17, 2016. University of Western Ontario, Western Libraries. <http://dx.doi.org/10.5206/cjsotl-rcacea.2016.2.7>.

FERNANDES NETO, João. **Das Concepções às Práticas: Educação Ambiental, Meio Ambiente E Qualidade De Vida No Ensino Fundamental**. São Paulo: Sesi-sp, 2012. 175 p.

FERREIRA, Aida Maria de Figueiredo. **Interação criança-espaco exterior em jardim de infância**. 2015. 285 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Departamento de Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2015.

FIELD, S. C.; LAUZON, L. L.; MELDRUM, J. T.. A Phenomenology of Outdoor Education Leader Experiences. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.31-44, 19 out. 2015. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1053825915609950>.

FLEMING, Jenny; HICKEY, Chris. Exploring cooperative education partnerships: a case study in sport tertiary education. **Asia-pacific Journal Of Cooperative Education**, [s.l.], v. 14, n. 3, p.209-221, 2013.

GAUDIO, Flavio G.; GREENWALD, Peter W.; HOLTON, Mark. Injury and Illness in College Outdoor Education. **Wilderness & Environmental Medicine**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.363-370, 2010.

GEORGOPOULOS, Alexandros; BIRBILI, Maria; DIMITRIOU, Anastasia. Environmental Education (EE) and Experiential Education: A Promising "Marriage" for Greek Pre-School Teachers. **Creative Education**, [s.l.], v. 02, n. 02, p.114-120, 2011. Scientific Research Publishing, Inc., <http://dx.doi.org/10.4236/ce.2011.22016>.

GORALNIK, Lissy et al. An Environmental Pedagogy of Care: Emotion, Relationships, and Experience in Higher Education Ethics Learning. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 35, n. 3, p.412-428, 1 set. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee35.3.412>.

GRAÇA, Romulo Luiz da. **Escalando espaços e contextos na educação ambiental: a percepção de montanhistas do sul de Santa Catarina**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2013.

GRAY, Tonia; MARTIN, Peter. The role and place of outdoor education in the Australian National Curriculum. **Australian Journal Of Outdoor Education**, [s. L.], v. 16, n. 1, p.39-50, 2012.

GREFFRATH, Gustav et al. A comparison between centre-based and expedition-based (wilderness) adventure experiential learning regarding Group effectiveness: a mixed methodology. **South African Journal For Research In Sport, Physical Education And Recreation**, [s.l.], v. 35, n. 1, p.11-24, 2013.

GUTHRIE, Kathy L.; JONES, Tamara Bertrand. Teaching and Learning: Using Experiential Learning and Reflection for Leadership Education. **New Directions For**

Student Services, [s.l.], v. 2012, n. 140, p.53-63, dez. 2012. Wiley-Blackwell.<http://dx.doi.org/10.1002/ss.20031>.

HEERDT, Bettina; MOTTA, Rodrigo de Assis. Educação ambiental e Meio Ambiente: noções de professores do ensino fundamental. **Ensino e Pesquisa: Revista Multidisciplinar de Licenciatura e Formação Docente**, [s. L.], v. 14, n. 02, p.177-196, jul./dez. 2016. Semestral. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/943>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

HELMS, Marilyn M. et al. Implementing and Evaluating Online Service Learning Projects. **Journal Of Education For Business**, [s.l.], v. 90, n. 7, p.369-378, 20 ago. 2015. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/08832323.2015.1074150>.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; ZATTONI, Michelle; BUENO, Fernando Protti. Educação Ambiental em contextos não escolares: definindo, problematizando e exemplificando. **Pesquisa em Educação Ambiental**, [s.l.], v. 7, n. 2, p.119-131, jun./dez. 2012. Semestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6865>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

HILL, Allen. Reflections on Beliefs and Practices from a Group of New Zealand Outdoor Educators: Consistencies and Conflicts. **Australian Journal Of Outdoor Education**, [s. L.], v. 14, n. 1, p.30-40, 2010.

HOLZ, Kenna Bolton; PINNOW, Eleni. Self-Selection Effects in Service-Learning. **Journal Of The Scholarship Of Teaching And Learning**, [s.l.], v. 15, n. 6, p.39-47, 8 dez. 2015. IUScholarWorks. <http://dx.doi.org/10.14434/josotl.v15i6.18912>.

HOPKINS, David; PUTNAM, Roger. **Personal Growth Through Adventure**. London: D. Fulton, 1993. 241 p.

HUNTER, Lori M.; STRIFE, Susie; TWINE, Wayne. Environmental Perceptions of Rural South African Residents: The Complex Nature of Environmental Concern. **Society & Natural Resources**, [s.l.], v. 23, n. 6, p.525-541, 20 abr. 2010. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/08941920903357782>.

INTOLUBBE-CHMIL, Loren; SPREEN, Carol Anne; SWAP, Robert J.. Transformative learning: Participant perspectives on international experiential education. **Journal Of Research In International Education**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.165-180, ago. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1475240912448041>.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, [s.l.], v. 1, n. 118, p.189-206, mar. 2003. FapUNIFESP (SciELO).<http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742003000100008>.

JOHNSTON, Julie. Integrated Curriculum Programs in British Columbia. **Pathways: The Ontario Journal of Outdoor Education**, [s. L.], v. 24, n. 1, p.24-27, 2011.

- KARPPINEN, Seppo J. A.. Outdoor adventure education in a formal education curriculum in Finland: action research application. **Journal Of Adventure Education & Outdoor Learning**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.41-62, mar. 2012. [Http://dx.doi.org/10.1080/14729679.2011.569186](http://dx.doi.org/10.1080/14729679.2011.569186).
- KASS, Darrin; GRANDZOL, Christian. Evaluating the Value-Added Impact of Outdoor Management Training for Leadership Development in an MBA Program. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 35, n. 3, p.429-446, 1 set. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee35.3.429>.
- KASS, Darrin; GRANDZOL, Christian. Learning to Lead at 5,267 feet: An Empirical Study of Outdoor Management Training and MBA Students' Leadership Development. **Journal Of Leadership Education**, [s. L.], v. 01, n. 10, p.41-62, 2011.
- KILIMNIK, Zélia Miranda; REIS, Eder Menezes. O treinamento experiencial e sua aplicação no contexto corporativo: estudo comparativo entre programas de treinamento realizados nos Estados Unidos e no Brasil. **Revista Fae**, Curitiba, v. 13, n. 2, p.1-14, jul./dez. 2010. Semestral.
- KLEIN, Angela Luciane; TROIAN, Alessandra; SOUZA, Marcelino de. O turismo rural pedagógico e a educação ambiental: as ações pedagógicas desenvolvidas na fazenda quinta da estância grande – Viamão (RS). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [s. L.], v. 27, n. 1, p.107-121, jun./dez. 2011. Semestral. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3197>>. Acesso em: 03 fev. 2017.
- KNOTTTS, Tami L.. The SBDC in the classroom: providing experiential learning opportunities at different entrepreneurial stages. **Journal Of Entrepreneurship Education**, [s. L.], v. 14, n. 01, p.25-38, 2011. Anual.
- KRESS, Jeffrey S.. Experiential Jewish Education Has Arrived! Now What? **Journal Of Jewish Education**, [s.l.], v. 80, n. 3, p.319-342, 3 jul. 2014. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15244113.2014.937202>.
- KUNREUTHER, Flavio Theodor; FERRAZ, Osvaldo Luiz. Educação ao ar livre pela aventura: o aprendizado de valores morais em expedições à natureza. **Educação e Pesquisa**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.437-454, jun. 2012.
- LANE, Julia. Toward a Model of Embodied Environmental Education: Perspectives From Theatre and Indigenous Knowledges. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 35, n. 3, p.395-411, 1 set. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee35.3.395>.
- LEE, K.; EWERT, A.. Adventure Programs and Diverse Family Styles. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 36, n. 2, p.123-138, 1 jun. 2013. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1053825913487886>.
- LIM, Sook; BLOOMQUIST, Catherine. Distinguishing service learning from other types of experiential learning. **Education For Information**, [s.l.], v. 31, n. 4, p.195-207, 19 out. 2015. IOS Press. <http://dx.doi.org/10.3233/efi-150952>.

LOPES, Liliane; BOSA, Cláudia Regina; SILVA, Janete Dubiaski da. Percepção ambiental dos visitantes do zoológico municipal de Curitiba-pr. **Monografias Ambientais**, [s. l.], v. 4, n. 4, p.866-876, out. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/3635>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

MACKENZIE, Susan Houge; SON, Julie S.; HOLLENHORST, Steve. Unifying Psychology and Experiential Education. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 37, n. 1, p.75-88, mar. 2014. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1053825913518894>.

MACLEAN, John S.; WHITE, Brian J.. Assessing Rigor in Experiential Education: A Working Model from Partners in the Parks. **Journal Of The National Collegiate Honors Council**, [s.l.], v. 14, n. 1, p.101-108, out. 2013.

MACNAB, B. R.. An Experiential Approach to Cultural Intelligence Education. **Journal Of Management Education**, [s.l.], v. 36, n. 1, p.66-94, 7 jul. 2011. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1052562911412587>.

MADDUX, Harry Clark; DONNETT, Deborah. John Dewey's Pragmatism: Implications for Reflection in Service-Learning. **Michigan Journal Of Community Service Learning**, Michigan, v. 21, n. 2, p.64-73, 2015.

MARIANO, Erich de Freitas. Potencial para o uso da escalada em rocha como Ferramenta de educação ambiental experiencial no Sertão da Paraíba. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais III CONEDU**. [s.l.]: Editora Realize, 2016. p. 01 - 06. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/resumo.php?idtrabalho=2330>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

MARINHO, Antoniaela Moraes. **Percepção Ambiental dos praticantes do esporte orientação: ferramenta para implementação da Educação Ambiental no Brasil**. 2014. 127 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Biológicas, Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MARPICA, Natália Salan; LOGAREZZI, Amadeu José Montagnini. Um panorama das pesquisas sobre livro didático e educação ambiental. **Ciência & Educação (bauru)**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.115-130, jan. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-73132010000100007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132010000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 01 fev. 2017.

MARQUES, Maurício Dias; DIAS, Lucas Seolin. REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONSCIENTIZADA EM AÇÕES EFETIVAS E PRÁTICAS. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, [s.l.], v. 9, n. 6, p.1-15, 10 nov. 2013. Disponível em: <http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/view/474>. Acesso em: 03 fev. 2017.

MARTIN, Andy; FLEMING, Jenny. Cooperative education in outdoor education. **Australian Journal Of Outdoor Education**, [s. L.], v. 14, n. 1, p.41-48, jan. 2010.

MCELHANEY, Kellie A.. **Student Outcomes Of Community Service Learning: A COMPARATIVE ANALYSIS OF CURRICULUM-BASED AND NON-CURRICULUM-BASED ALTERNATIVE SPRING BREAK PROGRAMS**. 1998. 188 f. Tese (Doutorado) - Curso de Education, University Of Michigan, Ann Arbor, 1998.

MCGOWAN, A. L.. Impact of One-Semester Outdoor Education Programs on Adolescent Perceptions of Self-Authorship. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 39, n. 4, p.386-411, 20 set. 2016. [Http://dx.doi.org/10.1177/1053825916668902](http://dx.doi.org/10.1177/1053825916668902).

MILES, John C.; PRIEST, Simon. **Adventure Education**. Pittsburgh: Venture Publishing, 1990. 471 p.

MONCURE, Shannon; FRANCIS, Charles. Foundations of Experiential Education as Applied to Agroecology. **Nacta Journal**, Lincoln, v. 55, n. 3, p.75-91, set. 2016. Disponível em: <<https://www.nactateachers.org/index.php/vol-55-num-3-sept-2011-sp-355625090/1255-foundations-of-experiential-education-as-applied-to-agroecology>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

MOREIRA, Carlos Eduardo Rodrigues; MUNCK, Luciano. Estilos de aprendizagem versus treinamento vivencial ao ar livre. **Revista de Administração da Ufsm**, Santa Maria, v. 25, n. 09, p.09-25, jan./abr. 2010.

NABETA, Newton Norio; SILVA, Cinthia Lopes da. Atividades de aventura na natureza: significados para praticantes divulgadores. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p.01-39, jun. 2010. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/543>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

NASCIMENTO, Bianca Maria Silva. **Estudo de três paisagens naturais no sertão paraibano com potencialidades para o ecoturismo**. 2015. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Graduação em Engenharia Florestal, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, 2015.

NORÐDAHL, Kristín; JÓHANNESSON, Ingólfur Ásgeir. Children's Outdoor Environment in Icelandic Educational Policy. **Scandinavian Journal Of Educational Research**, [s.l.], v. 59, n. 1, p.1-23, 24 set. 2013. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00313831.2013.821091>.

OLIVEIRA, Daiane Krewer; SOARES, Briseidy Marchesan. Aves como ferramenta sensibilizadora e formadora em experiências educativas. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**, [s. L.], v. 9, n. 16, p.89-99, maio 2017. Disponível em: <http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_016/>. Acesso em: 03 fev. 2017.

OLIVEIRA, Kleber Andolfato de et al. A PERCEPÇÃO AMBIENTAL COMO FERRAMENTA DE PROPOSTAS EDUCATIVAS E DE POLÍTICAS AMBIENTAIS. **Revista Científica Anap Brasil**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.53-72, 6 mar. 2011.

ANAP - Associação Amigos de Natureza de Alta Paulista. <http://dx.doi.org/10.17271/198432401120084>.

OUTWARD BOUND BRASIL. **O aprendizado através da experiência**. 2017. Disponível em: <<https://www.obb.org.br/2017/quem-somos/metodologia>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

PALAVAN, Ozcan; CICEK, Volkan; ATABAY, Merve. Perspectives of Elementary School Teachers on Outdoor Education. **Universal Journal Of Educational Research**, [s.l.], v. 4, n. 8, p.1885-1893, ago. 2016.

PASSARELLI, Angela; HALL, Eric; ANDERSON, Mallory. A Strengths-Based Approach to Outdoor and Adventure Education: Possibilities for Personal Growth. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 33, n. 2, p.120-135, 1 set. 2010.

PAYNE, Phillip G.. Remarkable?tracking, experiential education of the ecological imagination. **Environmental Education Research**, [s.l.], v. 16, n. 3-4, p.295-310, jun. 2010. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13504621003613160>.

PEDRETTI, Erminia et al. A Baseline Study of Ontario Teachers' Views of Environmental and Outdoor Education. **Pathways: The Ontario Journal of Outdoor Education**, Ontario, v. 24, n. 2, p.04-12, 2012.

PEDRINI, Alexandre; COSTA, Érika Andrade; GHILARDI, Natalia. Percepção ambiental de crianças e pré-adolescentes em vulnerabilidade social para projetos de educação ambiental. **Ciência & Educação (bauru)**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.163-179, jan. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-73132010000100010>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132010000100010&lng=pt&nrm=iso&tIng=pt>. Acesso em: 01 fev. 2017.

PEREIRA, Lucinéia Bernardes de Paula et al. O profissional de Educação Física e o meio ambiente: uma experiência de educação ambiental e a melhora da qualidade de vida dos moradores dos centros urbanos. **Archives Of Health Investigation**, [s.l.], v. 5, n. 4, p.223-228, 4 set. 2016. Archives of Health Investigation. <http://dx.doi.org/10.21270/archi.v5i4.1427>.

PINHEIRO, Damaris Kirsch; EVANGELHO, Sandra de David. Educação ambiental na escola: conscientização da necessidade de proteção contra a radiação ultravioleta. **A Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental - Reget/ufsm**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p.85-98, nov. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/2298>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

PORTO, Pedro da Costa; CARDOSO, Eduardo Schiavone; SILVA, Jaqueline da. O Potencial do Ecoturismo e do Turismo de Aventura no Município de Santa Maria-RS e seu Entorno. **Revista Turismo em Análise**, [s.l.], v. 25, n. 2, p.261-271, 31 ago. 2014. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v25i2p261-284>.

PRIEST, Simon. Redefining Outdoor Education: A Matter of Many Relationships. **The Journal Of Environmental Education**, [s.l.], v. 17, n. 3, p.13-15, abr. 1986. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00958964.1986.9941413>.

PRUSLOW, John T.; OWL, R.h. Red. Demonstrating the Application of Q Methodology for Fieldwork Reporting in Experiential Education. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 35, n. 2, p.375-392, 1 mar. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee35.2.375>.

REDMOND, Kevin; FORAN, Andrew; DWYER, Sean. **Quality Lesson Plans for Outdoor Education**. Champaign: Human Kinetics, 2010. 448 p.

RITCHIE, Stephen D. et al. Connecting to the Good Life through outdoor adventure leadership experiences designed for Indigenous youth. **Journal Of Adventure Education And Outdoor Learning**, [s.l.], v. 15, n. 4, p.350-370, 19 jun. 2015. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/14729679.2015.1036455>.

ROBERTS, J.. **Beyond learning by doing: Theoretical currents in experiential education**. New York: Routledge, 2011. 129 p.

RODRIGUES, Danilo Batista; MARIANO, Erich de Freitas. Educação Ambiental Experiencial Ao Ar Livre: Uma Revisão. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS, 1., 2016, Campina Grande. **Anais...**. Campina Grande: Editora Realize, 2016. v. 1, p. 01 - 06. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conapesc/resumo.php?idtrabalho=520>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

RODRIGUES, Mariana Lima et al. A percepção ambiental como instrumento de apoio na gestão e na formulação de políticas públicas ambientais. **Saúde e Sociedade**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.96-110, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO).<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902012000700009>.

ROSA, Paulo Filipe; CARVALHINHO, Luís Alberto Dias. A educação ambiental e o desporto na natureza: Uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino. **Movimento: revista de educação física a UFRGS**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p.259-280, jun./set. 2012. Trimestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/27564>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

ROSE, Jeff; PAISLEY, Karen. White Privilege in Experiential Education: A Critical Reflection. **Leisure Sciences**, [s.l.], v. 34, n. 2, p.136-154, mar. 2012. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/01490400.2012.652505>.

RUA, Emílio R.; SOUZA, Paulo Sérgio Alves de. Educação ambiental em uma abordagem interdisciplinar e contextualizada por meio das disciplinas química e estudos regionais. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 32, n. 2, p.95-100, maio 2010.

RUBENS, Desmond. **Outdoor Education, Adventure And Learning: A Fusion**. 1997. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, University Of Edinburgh, Edimburgo, 1997.

RUTTI, Raina M. et al. The service learning projects: stakeholder benefits and potential class topics. **Education + Training**, [s.l.], v. 58, n. 4, p.422-438, 11 abr. 2016. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/et-06-2015-0050>.

SAMMET, Kara. Relationships Matter: Adolescent Girls and Relational Development in Adventure Education. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 33, n. 2, p.151-165, 1 set. 2010. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee33.2.151>.

SANDELL, Klas; ÖHMAN, Johan. An educational tool for outdoor education and environmental concern. **Journal Of Adventure Education & Outdoor Learning**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.36-55, mar. 2013. [Http://dx.doi.org/10.1080/14729679.2012.675146](http://dx.doi.org/10.1080/14729679.2012.675146).

SANTOS, Mariane Cyrino dos; FLORES, Mônica Dutra; ZANIN, Elisabete Maria. Educação ambiental por meio de trilhas ecológicas interpretativas com alunos nees. **Revista Monografias Ambientais**, [s.l.], v. 5, n. 5, p.982-991, 23 jan. 2012. Universidad Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/223613084222>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/4222>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

SCHENCK, Jeb; CRUICKSHANK, Jessie. Evolving Kolb. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 38, n. 1, p.73-95, mar. 2015. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1053825914547153>.

SCHUMANN, Scott; SIBTHORP, Jim. The Development and Scalling of the Teaching Outdoor Education Self-Efficacy Scale. **Research In Outdoor Education**, [s. L.], v. 12, n. 1, p.80-98, 2014.

SEAMAN, J.; RHEINGOLD, A.. Circle Talks As Situated Experiential Learning: Context, Identity, and Knowledgeability in. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 36, n. 2, p.155-174, 1 jun. 2013. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1053825913487887>.

SHELLMAN, Amy. Empowerment and Experiential Education. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 37, n. 1, p.18-30, mar. 2014. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1053825913518896>.

SHELLMAN, Amy; EWERT, Alan. A Multi-Method Approach to Understanding Empowerment Processes and Outcomes of Adventure Education Program Experiences. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 32, n. 3, p.275-279, 2010.

SHERMAN, Glen L.. Service Learning in Light of Emmanuel Levinas. **Studies In Philosophy And Education**, [s.l.], v. 35, n. 5, p.477-492, 7 out. 2015. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s11217-015-9493-0>.

SHOOTER, Wynn; PAISLEY, Karen; SIBTHORP, Jim. Fostering Trust in Outdoor Leaders: The Role of Personal Attributes. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 35, n. 1, p.222-237, 1 mar. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee35.1.222>.

SIBTHORP, Jim et al. Experiential Education and Lifelong Learning: Examining Optimal Engagement in College Students. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 33, n. 4, p.388-392, 1 jan. 2011. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee33.4.388>.

SIBTHORP, Jim et al. Mechanisms of Learning Transfer in Adventure Education: Qualitative Results From the NOLS Transfer Survey. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 34, n. 2, p.109-126, 1 jan. 2011. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee34.2.109>.

SIBTHORP, Jim; JOSTAD, Jeremy. The Social System in Outdoor Adventure Education Programs. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 37, n. 1, p.60-74, mar. 2014. <http://dx.doi.org/10.1177/1053825913518897>.

SILVA, Ivólana Magali Rodrigues da. Práticas pedagógicas em educação ambiental: uma visão freiriana para um complemento na formação de normalistas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 1., 2010, Bauru. **Anais...**. Bauru: Ibeas, 2010. v. 1, p. 01 - 03. Disponível em: <http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2010/VII-007.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2017.

SMITH, Heidi; PENNEY, Dawn. Effective, Exemplary, Extraordinary?: Towards an Understanding of "Extraordinary" Outdoor Leadership. **Australian Journal Of Outdoor Education**, [s. L.], v. 14, n. 1, p.23-29, 2010.

SMITH, T. E.; KNAPP., C. E.. **Sourcebook of Experiential Education: Key Thinkers and Their Contributions**. New York: Routledge, 2011. 326 p.

SOARES, Carmen Lúcia. Uma educação pela natureza: o método de educação física de Georges Hébert. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 37, n. 2, p.151-157, abr. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2014.11.016>.

SOUZA, Débora Aparecida de. **Valores éticos e estéticos relativos à temática ambiental em livros de Literatura Infantil**. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

SOUZA, Vanusa Tubbs de et al. Trilhas interpretativas como instrumento de educação ambiental. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente**, [s. L.], v. 5, n. 2, p.294-304, ago. 2012. Disponível em: <http://ensinosaudeambiente.uff.br/index.php/ensinosaudeambiente/article/view/68>. Acesso em: 03 fev. 2017.

STAN, Ina. Control as an educational tool and its impact on the outdoor educational process. **Australian Journal Of Outdoor Education**, [s. L.], v. 14, n. 02, p.12-20, 2010.

STAPP, William B. et al. The Concept of Environmental Education. **The Journal Of Environmental Education**, London, v. 1, n. 1, p.30-31, nov. 1969.

SUIZU, Mai; HAYASHI, Ayako. How do outdoor educators make meanings of their significant life experiences (SLEs)? In: 2015 SYMPOSIUM ON EXPERIENTIAL EDUCATION RESEARCH, 43., 2015, Portland. **Proceedings...** . Portland: Association For Experiential Education, 2015. p. 47 - 48.

TAL, Tali; MORAG, Orly. A longitudinal study of environmental and outdoor education: A cultural change. **Journal Of Research In Science Teaching**, [s.l.], v. 50, n. 9, p.1019-1046, 24 set. 2013. [Http://dx.doi.org/10.1002/tea.21111](http://dx.doi.org/10.1002/tea.21111).

TAMAIÓ, Irineu. **A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NATUREZA: Uma experiência de Educação Ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo - São Paulo/SP..** 2000. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Geociências, Universidade Estadual de Ccampinas, Campinas, Sp, 2000.

TEIXEIRA, Fabiano Augusto; MARINHO, Alcyane. Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileira. **Motriz. Revista de Educação Física. Unesp**, [s.l.], v. 16, n. 3, p.536-548, 12 abr. 2010. UNESP - Universidade Estadual Paulista. <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p536>.

THOMAS, Glyn. Facilitator, Teacher, or Leader?: Managing Conflicting Roles in Outdoor Education. **Journal Of Experiential Education**, [s. L.], v. 32, n. 3, p.239-254, 2010.

THORBURN, Malcolm; ALLISON, Peter. Analysing attempts to support outdoor learning in Scottish schools. **Journal Of Curriculum Studies**, [s.l.], v. 45, n. 3, p.418-440, jun. 2013. [Http://dx.doi.org/10.1080/00220272.2012.689863](http://dx.doi.org/10.1080/00220272.2012.689863).

THORBURN, Malcolm; ALLISON, Peter. Are we ready to go outdoors now? The prospects for outdoor education during a period of curriculum renewal in Scotland. **The Curriculum Journal**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.97-108, mar. 2010. [Http://dx.doi.org/10.1080/09585170903560824](http://dx.doi.org/10.1080/09585170903560824).

TOMAZINI, Mariana Vannuchi. **Resiliência E Educação Experiential Pela Aventura Em Ambientes Naturais.** 2011. 160 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia do Esporte, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 2011.

TUCKER, Anita R.; RHEINGOLD, Alison. Enhancing Fidelity in Adventure Education and Adventure Therapy. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 33, n. 3, p.258-273, 1 jan. 2010. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.5193/jee33.3.258>.

VAL, Carlin; KEMP, Jess. Leadership Styles. **Pathways: The Ontario Journal of Outdoor Education**, Ontario, v. 3, n. 24, p.28-31, 2012.

VARGAS, Gabriel Rocha. **Lazer e participação em um grupo de praticantes de escalada**. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VEEVERS, N.; ALLISON, P.. **Kurt Hahn: inspirational, visionary, outdoor and experiential educator**. Rotterdam: Sense Publishers, 2011. 121 p.

VIEIRA, Rogério Márcio Fonseca. **A degradação ambiental à luz da psicanálise: O direito e a educação ambiental como instrumentos de preservação da vida**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Direito, Escola Superior Dom Helder Câmara, Belo Horizonte, 2016.

WARREN, Karen et al. Social Justice in Outdoor Experiential Education. **Journal Of Experiential Education**, [s.l.], v. 37, n. 1, p.89-103, mar. 2014. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1053825913518898>.

ANEXO A – NORMAS DA REVISTA HIPERTEXTUS

- > Capa
- > Conselho Editorial
- > Política Editorial
- > Qualis Capes
- > Expediente
- > Volumes
- > Sistemas de busca
- > Normas
- > Contato

Indexadores Nacionais:

Qualis Web

Periódicos Capes

Periódicos Acesso Livre

IBICT

Portal de periódicos da UFRN

Periódicos de Educação - FIPEN

Proex - UFRN

Biblioteca Digital da UNIJUI

Biblioteca da Fundação Anísio Teixeira

Portal Hipertexto

Indexadores Internacionais:

Latindex

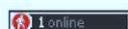
NewJour - Georgetown University Library

Library Social Science Research Center Berlin

University of Maryland School of Law

La Criée : périodiques en ligne

Visitantes online:



Normas para publicação

Gosto 255

Tweet

Partilhar

Submissão de artigos para o Volume 15:

• Prazo final: **até às 24 horas do dia 31 de julho de 2016**

• E-mail para submissão: hipertextus@gmail.com

Normas

1. Os trabalhos (um por grupo ou por autor) deverão ser enviados por email em programa Word for Windows (versão recente), com identificação do(s) autor(es), e-mail adicional, além do tipo de trabalho (artigo, resenha ou ensaio) e identificação da área em que o trabalho se insere (linguística, literatura, educação, outra).

2. A primeira página deve incluir o título, em caixa alta, o nome do autor, embaixo à direita, e a instituição, embaixo do nome, entre parênteses.

3. Limite de páginas: entre 6 e 15 páginas de Word.

4. Tipo de letra: Arial, corpo 12.

5. Espaçamento: espaço 1,5 entre linhas e parágrafos; espaço duplo entre partes e entre textos e exemplos, citações, tabelas, ilustrações, etc.

6. Citações e exemplos: blocados e com dois espaços (início e fim), separando do restante do texto para destacá-las.

7. As tabelas, as ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos, etc) e anexos são contados no limite total de páginas. Para anexos que constituem textos originais já publicados, incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão dos editores para publicação.

8. O texto deve ser apresentado na seguinte sequência: título do trabalho, nome(s) do(s) autor(es), resumo em português / palavras-chaves; abstract / key words ou resumé/mots-clé.

• Título: centralizado, em maiúsculas, em negrito.

• Sub-títulos: sem adentramento, numerados em números arábicos (Introdução 0); apenas a primeira letra de cada sub-título em maiúscula.

• Nome(s) do(s) autor(es): duas linhas abaixo do título, à direita; letras maiúsculas apenas para as iniciais.

a) Sigla da instituição de filiação do(s) autor(es): entre parênteses, abaixo do(s) nome(s) do(s) autor(es).

b) Indicação de e-mail abaixo do nome do(s) autor(es).

• Resumo: a palavra RESUMO, seguida de dois pontos, em maiúsculas, duas

linhas abaixo do nome do autor e de sua instituição, sem adentramento. Na mesma linha, o início do texto do resumo, que deverá ter entre 40 e 60 palavras em itálico.

- **Palavras-chave:** a palavra PALAVRAS-CHAVE, em maiúsculas, seguidas de dois pontos, limitadas a três. O mesmo procedimento deverá ser repetido com o Abstract ou com o Résumé.

- **Referências no corpo do trabalho:** entre parênteses, feita por intermédio da data identificadora do trabalho, seguida de dois pontos e do(s) número(s) da(s) página(s) citada(s), (quando for o caso).

9. A Revista publicará os seguintes textos: artigos, resenhas e ensaios.

- **Artigos** - Textos de dimensão variável, entre 6 (seis) e 12 (doze) páginas, contendo análise, reflexão e conclusão sobre temas acadêmicos ou profissionais;

- **Resenhas** - Textos com dimensão variável, entre 2 (duas) e 4 (quatro) páginas, contendo o registro e a crítica de obras, livros, teses, monografias, etc, publicadas recentemente;

- **Ensaio** - Textos com dimensão variável, entre seis e dez páginas;

10. Os autores dos textos não aceitos para publicação serão informados por e-mail.

11. Serão aceitos trabalhos com, no máximo, três autores.